

RAE-IC, Revista de la Asociación Española de
Investigación de la Comunicación

vol. 10, núm. 20 (2023), raeic102014

ISSN 2341-2690

DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.10.20.14>



Recibido el 10 de enero de 2023
Aceptado el 3 de noviembre de 2023

Fake news e circularidades narrativas na pandemia da Covid-19 e da H1N1

Fake news and narrative circularities in the Covid-19 and H1N1 pandemic

Fernandes, Carla Montuori

Universidade Federal Paulista (UNIP)

carla.montuori@docente.unip.br

Gomes, Vinícius Borges

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)

vini-bg@hotmail.br

de Oliveira, Luiz Ademir

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

luizoli@ufsj.edu.br

Forma de citar este artículo:

Fernandes, C. M., Gomes, V. B., & de Oliveira, L. A. (2023). Fake news e circularidades narrativas na pandemia da Covid-19 e da H1N1. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 10(20), raeic102014. <https://doi.org/10.24137/raeic.10.20.14>

Resumo:

O artigo traz como proposta a discussão dos fluxos informativos, que circularam na rede social *Twitter*, durante a epidemia de Gripe Suína (H1N1) e a pandemia da COVID-19. Esta abordagem se debruça sobre as informações falsas propagadas durante os três primeiros meses de cada incidência, mapeando, ainda, os principais *clusters* e a rede de influenciadores nos distintos contextos sociais e políticos do Brasil. A pesquisa emprega o método da Análise de Conteúdo alinhada à Análise das Redes Sociais (ARS). O *corpus* compreende a coleta dos tuítes, usando a linguagem de programação *Python*, no período de maio a agosto de 2009, para o surto de H1N1, e março a junho de 2020, para a Covid-19.

Palavras-chave: Desinformação, *Fake news*, Redes Sociais, Pandemia, Covid-19. H1N1.

Abstract:

The article proposes the discussion of the information flows that circulated on the social network *Twitter*, during the Swine Flu (H1N1) epidemic and the Coronavirus pandemic. This approach will focus on the *false information* propagated during the first three months of each incidence, also mapping the main clusters and the network of influencers in the different social and political contexts of Brazil. The research employs the Content Analysis method aligned with Social Network Analysis (ARS). The corpus comprises the collection of tweets, using the Python programming language, from May to August 2009 for the H1N1 outbreak and March to June 2020 for Covid-19.

Keywords: Misinformation, Fake news, Social Media, Pandemic, Covid-19, H1N1.

1 INTRODUÇÃO

Na configuração da sociedade contemporânea, tratada do ponto de vista sociológico como “sociedade pós-moderna”, instaurou-se um cenário de descrença na ciência,

suspeição em relação à história oficial e desenlaçamento das grandes narrativas, o que Lyotard (1998) definiu como a incredulidade em relação aos metarrelatos. Lyotard aponta para o declínio das metanarrativas históricas e a crise de legitimidade dos discursos fundadores de exaltação da liberdade política (Revolução Francesa), da liberdade econômica e do progresso (Revolução Industrial), do consenso (contratualismo burguês) e da eficiência do Estado burocrático weberiano. O fazer científico se despojou, para o autor, das grandes narrativas iluministas, que postulam o desenvolvimento da humanidade a partir do uso da razão e da técnica.

O autor italiano Da Empoli (2020) alerta para a crise de confiança instaurada na sociedade pós-moderna. Os elementos básicos de cooperação social, que sustentam a credibilidade de atores e instituições, estão ruindo e a desconfiança com relação a determinados campos sociais faz eclodir um clima de instabilidade. Já D’Ancona (2018) abarca a crise de confiança a partir do conceito de pós-verdade. Em 2016, o Dicionário Oxford elegeu o termo pós-verdade como a expressão do ano, despertando a atenção para um fenômeno cultural, que se refere à crescente importância das emoções, dos interesses individuais e das crenças pessoais na percepção da realidade pelas pessoas e na formação da opinião pública.

Mcintyre (2018) sintetiza o conceito ao inferir que “fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais” (p. 5). Para o autor, exemplos disso são: a negação do aquecimento global, quando se questionam estudos e dados científicos a partir de conjeturas novas e falaciosas ou interpretações sugestivas; a negação do Holocausto, que vitimou milhões de judeus ao fim da Segunda Guerra Mundial; e as campanhas antivacinação, que tentam influenciar os indivíduos a não aderirem à imunização vacinal utilizando, principalmente, a tese de que as vacinas trazem riscos à saúde.

De acordo com McIntyre (2018), as possíveis causas para tal fenômeno estão associadas à emergência das redes sociais *online*, ambiente privilegiado a partir do qual as pessoas recebem notícias e informações do mundo. Especificamente no ambiente digital, a produção e o acompanhamento de conteúdos e informações, baseados em opiniões,

por vezes de indivíduos sem qualquer conhecimento no assunto, favorecem a diminuição da qualidade das informações. Nesse sentido, conforme o autor, as bolhas digitais, a lógica algoritma e a produção de conteúdo em larga escala são mudanças de paradigma, que impõem novos desafios para o campo da comunicação, sobretudo em função do aumento na circulação de *fake news*.

O tema *fake news* tem se tornado objeto de estudo em vários países, particularmente em função da interferência e do uso das notícias falsas como instrumentos de mobilização política. Kakutani (2018) aborda como as *fake news* ganharam centralidade na política estadunidense a partir da eleição de Donald Trump no ano de 2016. Weedon, Nuland e Stamos (2017) sustentam que as *fake news* têm sido um termo aplicado a várias situações, que envolvam notícias falsas ou manipulações digitais com os mais diferentes propósitos. Meneses (2018) contribui para a conceituação do fenômeno das *fake news*. Ele diferencia as *false news* das *fake news* no sentido de que as últimas são produzidas com o objetivo de provocar a desinformação e as primeiras podem ser fruto do descuido e do uso equivocado ou enviesadas de dados – algo comum, inclusive, na prática jornalística.

Ortellado (2019) aponta que o Brasil é considerado um dos países com maior produção, circulação e consumo de notícias falsas do mundo. O recente surto de Coronavírus originou uma torrente de informações falsas espalhadas pelas redes sociais, que acabam por gerar uma teia de desinformação, com riscos de comprometimento do combate à doença. Logo no início da pandemia, uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), entre 17 de março e 10 de abril de 2020, revelou um alto índice de disseminação de informações incorretas do Coronavírus nas redes sociais, sendo que 65% envolviam curas milagrosas e não comprovadas pela ciência, 5,7% se relacionavam a golpes bancários, 5% tratavam de projetos falsos para arrecadar recursos voltados para instituições de pesquisa e 4,3% desqualificavam e tratavam a doença como uma manobra política (Fiocruz, 2020).

Diante desse quadro e considerando os aspectos conjunturais que se associam ao tema, esta pesquisa se soma ao debate acadêmico sobre desinformação, *fake news* e

deslegitimação do saber científico, incidindo, principalmente, sobre as notícias falsas, que circularam no *Twitter* e que abarcam as epidemias de Gripe Suína (H1N1) e do surto de Coronavírus (Covid-19), ambos destacados em 2009 e 2020, respectivamente. Nesse sentido, o texto identifica e analisa as principais vertentes, que sustentaram o conteúdo da desinformação no contexto das distintas pandemias, e busca responder se existem semelhanças narrativas nas publicações sobre as respectivas doenças. A pesquisa oferece um olhar para as narrativas constituídas em torno da doença, empregando como método a Análise das Redes Sociais (Recuero, Bastos & Zago, 2018) e a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

2 MARCO TEÓRICO

Para pensar os fluxos informativos, que circularam durante as pandemias e epidemias, deve-se considerar o contexto em que surgem e a estrutura à qual estão vinculadas. Sanches, Lovo e Sanches (2020) apontam a necessidade de se ater às matrizes mágico-religiosas e técnico-científicas, que perpassam as doenças ao longo da história. Os autores descrevem como, durante a recente epidemia do Ebola na Nigéria, os líderes religiosos locais negavam o vírus e indicavam que se tratava de um castigo, direcionado apenas àqueles, que não tinham o Espírito Santo. Ao mesmo tempo, as seitas praticavam rituais de cura por meio da imposição das mãos aos doentes, fato que contribuiu para ampliar o índice de mortalidade entre os membros.

Com uma distância temporal, as epidemias no Egito, também, foram marcadas por explicações religiosas, sendo tratadas como castigos pela perversidade do ser humano. Sanches et al. (2020) indicam que, durante a peste negra, na Idade Média, recomendava-se, além de alimentação adequada, o uso de ervas para purificar o ar e manter as casas limpas e arejadas. Há que se destacar que, durante o período da Inquisição, circulavam, em sintonia com o pensamento católico, informações, que associavam as causas espirituais das epidemias ao castigo divino. Desse modo, o arrependimento dos pecados aparecia como um dos recursos para a cura.

Para além, as epidemias, ainda, desvelam o caráter persecutório de regiões, povos e etnias. É recorrente, nas histórias das pandemias, a busca por culpados pela ocorrência

e proliferação das doenças. Recentemente, já no início do século XXI, a busca por culpados, também, fez com que nações se vissem responsabilizadas pela propagação de doenças. A emergência de H1N1 em 2009 prejudicou as relações comerciais do México por meses, já que o país não conseguia exportar carne de porco associada à gripe suína.

Verifica-se, por meio de um regaste histórico, que temáticas ligadas a curas milagrosas, busca de culpados, tratamentos alternativos e, mais tardiamente, atos de negacionismo científico estiveram presentes em pandemias e epidemias ao longo dos séculos. Não obstante, o desenvolvimento de canais de comunicação ampliou, significativamente, os fluxos informativos, permitindo que rumores e boatos encontrassem maior emergência na chamada sociedade da informação.

Tal processo se intensificou após a revolução causada pela *web 2.0*, que permitiu, por meio de uma estrutura integrada de funcionalidades, ressignificar o papel dos usuários, que, de consumidores de informação, se transformaram em produtores de conteúdo. O resultado da interação propiciada pela cibercultura está correlacionado à descentralização dos discursos e do conhecimento. Em certo sentido, o cenário coletivo de produção e propagação de conteúdo recrudescer à chamada crise informacional ligada à qualidade daquilo que é disseminado. É da crise informacional causada pela ausência de veracidade dos conteúdos disseminados na rede que os termos desinformação e *fake news* se popularizaram.

A desinformação, enquanto uma rede estruturada e sistêmica, mostra-se como um fenômeno amplificado e típico de uma sociedade conectada e que se comunica, em grande medida, através das plataformas digitais. Weedon et al. (2017) trazem o tópico desinformação para considerar conteúdos falsos e imprecisos espalhados de maneira intencional. Embora incluam aqui as falsas notícias, tratadas como uma única categoria pelos autores, a terminologia abarca outras situações, que podem levar ao engano a partir de métodos mais sutis, como as citações imprecisas, a descontextualização ou a apresentação de dados, de forma a potencializar preconceitos ou a levar ao engano.

Diante do amplo esforço na categorização do termo, que encontra empreendimentos epistêmicos em outros trabalhos, é flagrante observar que a nova ambiência midiática

é um fator central para a proliferação da rede de desinformação, que impacta a sociedade. Esses conteúdos, que, de modo amplo no senso comum, são chamados de fake news, se articulam a uma série de fatores sociais, políticos e sociais de grande impacto, incluindo o descrédito à imprensa tradicional.

Isso posto, deve-se considerar que as redes sociais permitem a circulação e o compartilhamento de informações em grupos ancorados em um circuito fechado de confiança e crédito, sejam amigos, familiares ou mesmo pessoas, que pertencem ao mesmo círculo social. Assim, muitos cidadãos têm preferido acreditar mais em quem convive nos próprios círculos sociais do que nas instituições. Van Zoonen (2012) nomeou de “eu-pistemologia” o processo segundo o qual os indivíduos rejeitam a epistemologia científica como tal e tentam substituí-la pelo bom senso das pessoas, suas experiências pessoais e sentimentos emocionais.

É nesse entrelaçamento que a desinformação, disseminada pelas plataformas digitais, atua na descredibilização dos dados científicos, com maior incidência aos ligados à saúde da população. Devido às relações perigosas da desinformação na esfera pública causada pela propagação de *fake news*, torna-se necessário ampliar o conhecimento sobre os mecanismos, que fazem recrudescer esse tipo de fenômeno, o qual tem o potencial de causar danos significativos para a sociedade.

3 METODOLOGIA

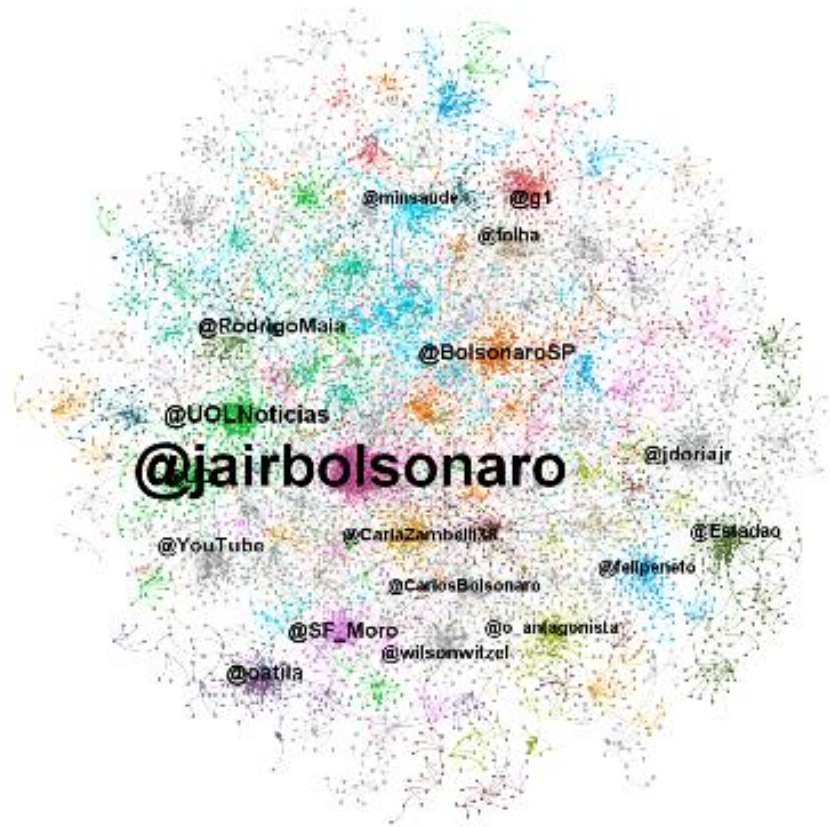
3.1. ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS (ARS) – COVID-19 E H1N1

A segunda etapa do artigo consiste em compreender a movimentação, que permeou as redes sociais *online* durante as distintas pandemias de Gripe Suína e Covid-19, evocando a teoria da Análise de Rede Social (ARS). A primeira rede analisada está relacionada à coleta da pandemia da Covid-19 no Brasil, que, por meio de *script* desenvolvido em *Python*, com os termos “Covid-19” e “Coronavírus”, extraiu um total de 500 mil tuítes, durante os três primeiros meses da doença no país, de março a junho de 2020. Para identificar os *clusters* da respectiva rede, foi aplicada a métrica de modularidade, que se refere a uma medida de vizinhança; ou seja, quanto um determinado nó tende a

aparecer dentro de determinado grupo, sendo possível mensurar a quantidade de conexões existentes em uma comunidade (Recuero, 2014).

A rede se constituiu de 45.780 nós e 28.570 arestas. Ao aplicar o algoritmo de modularidade do *Gephi*, a fim de identificar as relações entre nós e arestas (aproximando ou afastando os atores de acordo com as relações), chegou-se às 12 comunidades principais, que abrangem 14,35% de todos os vértices e 23,87% das arestas da rede total. Na Figura 1, é possível identificar os *clusters* com os perfis, que receberam o maior número de menção (maior grau de entrada) nas discussões sobre a Covid-19 durante o período.

Figura 1. Rede menção Covid-19/Coronavírus – março a junho de 2020



Fonte: elaborada pelos autores.

Ao observar a posição estrutural da rede e o lugar ocupado por esses atores na sociedade, pôde-se perceber algumas dinâmicas, que colocaram determinados nós em posições de destaque. Ao olhar para o centro da rede, é possível visualizar Bolsonaro e

a sua base de apoio, seus filhos Eduardo Bolsonaro (PL) e Carlos Bolsonaro (Republicanos), além da deputada federal Carla Zambeli (PL). É possível perceber que todos estão muito próximos na rede, fato presumido à medida que eles ocupam posições ideológicas semelhantes no campo político.

O principal destaque da rede é o ex-presidente Bolsonaro. Durante o início da pandemia, Bolsonaro adotou postura contrária às recomendações dos médicos, das autoridades sanitárias e da Organização Mundial da Saúde (OMS), em especial antagonizando com os governadores e prefeitos sobre as políticas de distanciamento social e investindo na recomendação de medicamentos, que eram questionados pela ciência como eficazes no tratamento da doença.

Em 24 de março de 2020, no pronunciamento feito em cadeia de rádio e televisão, Bolsonaro usou expressões como “resfriadinho” e “gripezinha” para se referir à Covid-19. Foi recorrente observar sua recusa em usar máscara em aparições públicas ainda que o item tenha sido recomendado pelas autoridades sanitárias.

A postura do presidente brasileiro encontrou ressonância em grande parte da população. Apoiadores do presidente organizaram manifestações em várias cidades do país e se mobilizaram de maneira extensiva nas redes sociais. O perfil de @BolsonaroSP, ligado a Eduardo Bolsonaro, também se destacou na rede. Durante a pandemia, acabou seguindo as prerrogativas do pai e assumiu a postura negacionista, em especial as ligadas à política de isolamento e à defesa de fármacos sem comprovação científica para tratamento da doença.

Na lista de políticos alinhados com Bolsonaro, Zambelli ocupou uma posição de destaque. Apoiadora do ex-presidente, a deputada criticou a política de distanciamento e tornou-se uma das vozes do movimento contra a vacina da Covid-19. Na lista de políticos governistas, o ex-ministro da Justiça e Segurança, Sergio Moro (União Brasil), esteve entre os dez atores com maior número de menções na rede. Moro ficou conhecido nacionalmente por conduzir a Operação Lava Jato, que, com o apoio do Ministério Público Federal de Curitiba e da Polícia Federal, prendeu parlamentares do Partido dos Trabalhadores e altos executivos da Petrobras.

Em oposição aos políticos governistas, o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, ocupou posição de destaque na rede. Maia tornou-se um dos principais oponentes do discurso negacionista de Bolsonaro durante a pandemia, concedendo entrevistas em distintas ocasiões para defender as medidas de contenção à Covid-19. Bolsonaro atacou Maia em seus discursos, acirrando o embate entre os Poderes.

Na esfera dos veículos de comunicação, destacam-se os portais UOLNotícias, G1, Folha, Estadão e O Antagonista. Importante pontuar que a relação conflituosa de Bolsonaro com a imprensa se intensificava diariamente com o uso de ataques à mídia tradicional desde o período da campanha eleitoral (Fernandes et al., 2021). As investidas aumentaram no contexto da pandemia. À medida que o vírus se espalhava pelo país, o presidente mantinha a postura negacionista e promovia campanha contra os meios de comunicação tradicionais.

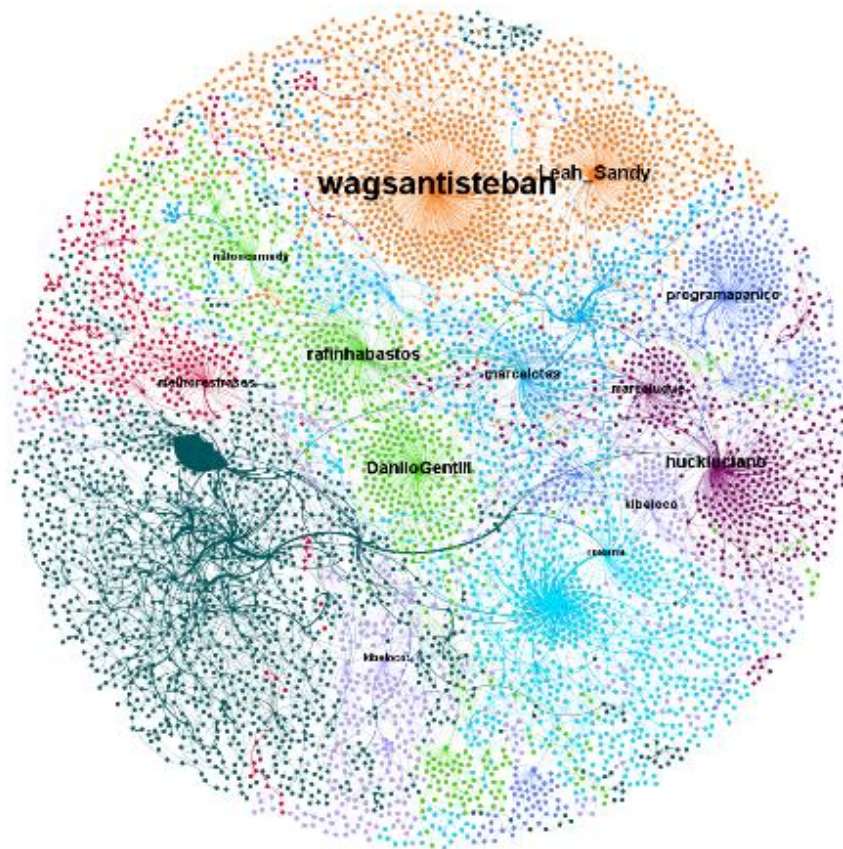
No conjunto de tuítes da rede, também se destacam os influenciadores Atila Lamarino e Felipe Neto. Com forte presença no meio digital, Neto possui 14,5 milhões de seguidores e se posicionou contra o governo Bolsonaro com críticas que se intensificaram durante a pandemia da Covid-19. Já Atila é biólogo, doutor em microbiologia e pesquisador brasileiro. Também, utiliza outras redes sociais para combater teorias da conspiração e narrativas negacionistas, sobretudo as ligadas ao movimento antivacinação.

Por fim, destaca-se o perfil oficial do Ministério da Saúde, que, durante o período da análise, passou por forte instabilidade, com a substituição dos ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, em especial por divergirem da conduta de Bolsonaro nas ações do isolamento e do tratamento precoce da doença.

Já a pesquisa sobre desinformação durante a pandemia de H1N1 considerou as mesmas prerrogativas da Covid-19 no que se refere à análise da rede social *Twitter*. A rede analisada está relacionada à coleta da rede do H1N1 no Brasil, que, por meio de *script* desenvolvido em *Phyton*, com os termos “H1N1” e “Gripe Suína”, extraiu um total de 200 mil tuítes durante o período de maio a agosto de 2009. Para identificar os *clusters* da respectiva da rede, foi aplicada a métrica de modularidade (Recuero, 2014).

A rede dos respectivos meses se constituiu de 55.610 nós e 51.028 arestas. Ao aplicar o algoritmo de modularidade, chegou-se às dez comunidades principais, que abrangem 10,85% de todos os vértices e 13,54% das arestas da rede total. Na figura da rede (Figura 2), é possível identificar os *clusters* com os perfis, que receberam o maior número de menção (maior grau de entrada) nas discussões sobre a H1N1.

Figura 2. Rede H1N1 – Brasil, maio a agosto de 2009



Fonte: elaborada pelos autores.

Para analisar como se estabeleceram as postagens, que mencionavam os termos Gripe Suína e H1N1, faz-se necessário entender a posição de cada influenciador na rede social *Twitter* assim como a aproximação, que se estabelece entre os agentes. Ao observar a posição estrutural da rede, percebe-se que os nós vinculados a programas de humor são os que receberam o maior número de menções. É possível observar uma movimentação em torno de artistas de enorme visibilidade, com destaque para Sandy Lima, Luciano

Huck e Wagner Santisteban. Agentes da imprensa e órgãos ligados ao governo, também, influenciaram a rede de menções do H1N1.

Assim, propõe-se uma classificação da rede por categoria, que abarcou atores relacionados aos programas humorísticos, às personalidades artísticas, aos influenciadores digitais ligados à imprensa e ao Ministério da Saúde. O primeiro conjunto reúne personalidades do humor, com destaque para os apresentadores do programa *Custe o Que Custar (CQC)*, que, na ocasião, era exibido pela emissora Band. O programa *Pânico*, também, ganhou destaque na rede de menções.

Os apresentadores do Programa CQC, Marcelo Tas, Rafinha Bastos, Marco Luque e Danilo Gentili, mobilizaram a rede no período. A estreia do CQC no Brasil aconteceu em 17 de março de 2008, em uma parceria entre a Band e a argentina Eyeworks, produtora do original *Caiga Quien Caiga*. O programa trazia *show* de humor, além de um resumo das notícias e dos fatos mais importantes, que aconteceram no país, com alta dose de ironia aos acontecimentos políticos.

Como o formato do programa pertencia à produtora argentina *Cuatro Cabezas*, especializada em conteúdo para produção de televisão, rádio e cinema, parte do elenco viajava com frequência para Buenos Aires. Durante a fase inicial da pandemia da H1N1, a Argentina esteve na lista dos países mais afetados pela doença, atrás apenas do México e dos EUA. Nesse contexto, parte das menções sobre H1N1 se associa aos riscos que os integrantes enfrentavam ao viajar para Buenos Aires, acompanhada por piadas, que aproximavam o vírus ao animal porco.

Durante a pandemia do H1N1, o programa humorístico *Pânico na TV*, também, produziu narrativas, que satirizavam a doença, com associações ao porco. O *site* humorístico *Kibe Loco*, criado em 2002 pelo publicitário, autor, roteirista, ator e apresentador carioca Antônio Tabet, também se destacou na rede ao lado do perfil *@melhoresfrases*, definido como espaço para acompanhar frases engraçadas ou sérias, críticas, mancadas, gozações e provocações, que ocorrem no Brasil e no mundo.

A categoria artista trouxe, como principais influenciadores, o apresentador Luciano Huck, a cantora Sandy Lima e o ator Wagner Santisteban. As menções em torno de Huck se efetivaram após a confirmação de que o ator André Marques havia contraído o vírus (H1N1) após viajar à Argentina para gravar com Angélica um quadro do Estrelas, da TV Globo. Luciano, que acompanhou a esposa Angélica na viagem, foi obrigado a cumprir um período de quarentena, ação que o afastou dos compromissos públicos. Já as menções a Sandy foram impulsionadas por um tuíte, em que a cantora divulgou uma informação equivocada, indicando que a Gripe Suína surgiu, inicialmente, entre os porcos. Imprescindível ressaltar que a narrativa reforçava a teoria conspiratória em torno do consumo de carne, que paralisou o setor produtivo do produto no México.

Já o ator Wagner Santisteban, que atuava na novela *Caras & Bocas*, exibida pela TV Globo, ganhou enorme repercussão ao tuitar que “Quatro mil pessoas têm gripe suína e todo mundo quer usar máscaras, 33 milhões têm aids e ninguém quer usar camisinha!” Essa frase, com forte apelo negacionista, foi amplamente retuitada pela rede, que se formou em torno do autor.

Na rede da imprensa, notadamente se encontra o jornal O Estado de S. Paulo, com o *label* @oestadosp, que ingressou no *Twitter* em outubro de 2007 e, hoje, alterou o perfil para o @Estadao. Nessa mesma categoria, também, se destaca a jornalista Rosana Hermann, que, no ano de 2009, atuava como gerente de criação do R7, na ocasião um dos maiores portais da *internet* brasileira. Durante a pandemia, Rosana atuou no esclarecimento de dúvidas no ambiente de conversação do *Twitter*. No mesmo agrupamento informativo, encontra-se o perfil do Ministério da Saúde, que utilizou o canal do *Twitter*, para esclarecer e orientar a população sobre os riscos, números de casos, medidas de prevenção e tratamentos da doença.

3.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO (AC) DA COVID-19 E DA H1N1

Como metodologia de pesquisa, também, foi utilizada a Análise de Conteúdo, já que se trata de um método com grande aderência aos estudos dos discursos *online* (Lindgren & Lundstrom, 2011). A Análise de Conteúdo se baseia em três etapas, sendo pré-análise, exploração do material, tratamento e interpretação dos resultados (Bardin, 2011). A

primeira etapa tem o objetivo de organizar a análise embora ela seja composta de atividades não estruturadas. Passam por esse mecanismo a leitura flutuante e a confrontação com outros documentos bem como a percepção do grau de representatividade dos documentos e objetos analisados para a proposta da pesquisa. A amostra foi submetida à análise dos dez perfis mais influentes da rede de Covid-19. Assim, os perfis de jairbolsonaro, UOLNotícias, oatila, BolsonaroSP, RodrigoMaia, SF_Moro, G1, Folha, CarlaZambelo e felipeneto compuseram o *corpus* da pesquisa por serem os atores, que receberam mais menções na rede durante o período da coleta, compreendido entre 1º de março e 30 de junho de 2020.

Isso posto, foi iniciado o processo de pré-análise, em que se realizou a leitura flutuante de todos os tuítes vinculados às contas dos dez perfis. Os tuítes relacionados aos dez perfis mais influentes foram disponibilizados em formato de planilha do *Excel*, com dados do ID do nó, perfil relacionado e conteúdo tuitado. Ainda na fase de pré-análise, considerou-se a observância de alguns padrões narrativos prévios, que permitam um olhar para o conteúdo de forma mais direcionada, já que o foco da pesquisa é uma análise interpretativa a partir de categorias definidas *a priori*.

Nesse sentido, a análise partiu para a organização e seleção do material de modo a extrair unidades analíticas, que melhor organizem o material. Chamam-se esses tópicos de “unidades de registro”, em que cada menção foi analisada para posterior divisão dos assuntos em temáticas organizadas por padrões de ocorrência (similaridade de temas), permitindo a construção de um quadro interpretativo mais aprofundado e, conseqüentemente, de um panorama categorial, que permita inferir, a partir das unidades de registro, quais foram as recorrências, como elas operam e o que revelam. Nesse contexto, os Quadros 1 e 2 especificam as categorias de análise agrupadas por similaridade e descrevem como elas estão presentes nas menções coletadas durante as pandemias da Covid-19 e da H1N1.

Quadro 1. Divisão dos tuítes por temáticas, Covid-19

Destacado	Destacado
Defesa de fármacos	A categoria comporta Narrativas, que atuam em defesa de métodos, teses, medicações e protocolos contrários aos propostos pelas principais autoridades sanitárias.
Narrativas sobre a vacina	A categoria traz tuítes, que questionam a eficácia da vacina, com dados, os quais versam sobre os interesses na produção, segurança e efeitos decorrentes do imunizante.
Antagonismo com políticos	A categoria é formada por tuítes, que atacam governadores, prefeitos e demais políticos, que adotaram medidas contrárias às indicadas pelo governo federal.
Medidas de isolamento	A categoria é composta por tuítes com críticas à política de isolamento, adotada conforme orientação da OMS.
China/Comunismo	A categoria é formada por tuítes, que buscam culpabilizar a China, tratada como comunista, por propagar o Coronavírus pelo mundo.
Antagonismo com a mídia	A categoria traz tuítes, que culpam a mídia por gerar pânico na população, ao propagar informações falsas sobre a Covid-19 no país

Fonte: elaborado pelos autores.

Na fase de exploração do material, o conteúdo foi submetido a um estudo aprofundado da dinâmica, que compõe as *fake news*, por meio da ferramenta *Fact Check Explorer* criada pelo *Google*, de uso gratuito, que oferece acesso ao vasto acervo de informação disponível na *web*. Os tuítes de todas as contas, previamente selecionadas na etapa anterior, foram submetidos à checagem.

De maneira semelhante à Covid-19, realizou-se a Análise de Conteúdo dos dez perfis mais influentes da rede H1N1. Assim, os perfis Sandy Lima, Luciano Huck, Wagner Santisteban, Danilo Gentili, Rafinha Bastos, Marco Luque, Programa Pânico, Kibe Loco, Marcelo Tas e Rosana compuseram o *corpus* da pesquisa por serem os atores, que receberam mais menções na rede durante o período da coleta, compreendido entre 1º de maio e 30 de agosto de 2009. Os tuítes foram separados por uma divisão temática e alocados a partir da semelhança entre as narrativas, conforme aponta o Quadro 2.

Quadro 2. Divisão dos tuítes por temáticas, H1N1

Destacado	Destacado
Narrativas de humor	A categoria comporta narrativas, que satirizam a doença e buscam analogias com o porco pela referência inicial, que se concedeu ao nome do vírus.
Tratamento alternativo	A categoria traz tuítes, que apontam tratamentos alternativos como forma de se prevenir ou combater o surto da doença.
Medidas de prevenção	A categoria é composta por tuítes, que questionam o uso de métodos de prevenção para combater a disseminação do vírus no país.
Antagonismo com o governo	A categoria abriga tuítes, que questionam o papel do governo federal na condução da epidemia.
Antagonismo com a mídia	A categoria traz tuítes, que culpam a mídia por gerar pânico na população, ao gerar informações alarmantes sobre o vírus.

Fonte: elaborado pelos autores.

Na fase de exploração do material, o conteúdo foi submetido a um estudo aprofundado da dinâmica, que compõe as *fake news*, por meio do conteúdo publicado na época sobre o vírus da H1N1. Nesse cenário, a identificação de conteúdos falsos ou advindos de teorias da conspiração foi estabelecida pelo confronto dos tuítes com publicações reconhecidas e legitimadas por órgãos específicos sobre a doença. Na impossibilidade de elencar todos os tuítes na etapa de inferência dos resultados, foram selecionadas as menções, que obtiveram maior destaque na rede, expressas pelo número de retuítes, como forma de exemplificar cada categoria.

4 RESULTADOS

4.1. INFERÊNCIAS – *FAKE NEWS* DA COVID-19

As *fake news*, que tiveram conteúdos ligados ao antagonismo com o campo político, ficaram centralizadas em duas subcategorias e podem ser consideradas desdobramentos das declarações de Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19. A primeira subcategoria traz ataques a governadores e prefeitos, e insinuam que as lideranças estaduais e municipais atuam para derrubar o presidente com medidas de isolamento desnecessárias, que visam a comprometer a economia do país.

As críticas de Bolsonaro ressoaram nas redes sociais em formato de *fake news*, sendo que os ex-governadores de São Paulo, João Doria, e do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, se tornaram os maiores desafetos do presidente, conforme aponta o tuíte:

@RodrigoMaia, @BolsonaroSP Tem robô sim. Tem Doria, Witzel, Caiado, todos os governadores do Nordeste. E cada um colocando robôs da esquerda e centro, para destruir nosso Brasil. Vcs são um câncer no país, quem tem vcs no poder não precisa ter corona. Vc estão usando o Corona.

Outra subcategoria questionava os laudos de mortos por Covid-19, indicando que governadores e prefeitos orientavam profissionais da saúde a fraudarem os atestados de óbitos. Também oriunda do campo político, a tese foi divulgada em 20 de abril por Bolsonaro, que afirmou, sem apresentar provas, que o governo de São Paulo inflamava o número de mortes provocadas pela pandemia do Coronavírus para fazer uso político, segundo segue:

@jairbolsonaro URGENTE!!!Presidente, o governador Dória está louco! Veja o que ele está fazendo para que as mortes em São Paulo sejam atribuídas ao Corona! Isso é insano, criminoso e sem escrúpulos! Ele quer fazer da pandemia um palanque político!

Borges (2021) aponta que um dos aspectos importantes no ataque a governadores e prefeitos é o que ocorria como instrumento de defesa às críticas, que o presidente sofria na gestão da pandemia. Ao lançar dúvidas sobre o aumento expressivo de mortos pela Covid-19, Bolsonaro desviava a atenção para o crescimento dos índices de desemprego sem fazer que a insatisfação popular atingisse o governo federal.

A segunda categoria de *fake news* mais acionada retrata a cobertura da pandemia efetuada pela mídia tradicional. O conteúdo se desdobrou em duas subcategorias: uma, nomeada de mídia distorce, fazia referência às possíveis manipulações da imprensa e citava os desafios, que Bolsonaro enfrentava para governar o país no contexto da pandemia. O conteúdo falso dos tuítes apontava que a imprensa distorcia informações com o objetivo de prejudicar a imagem de Bolsonaro, conforme aponta o tuíte:

@jairbolsonaro, “@CarlaZambelli38 é vital mostrar que o governo JB está agindo para cuidar do povo no caso do corona, pq a mídia está distorcendo a opinião pública para que ela creia que o governo está omissa, o que não é verdade.”

Na outra subcategoria, as menções eram direcionadas para as contas dos veículos de comunicação, com acusações de conspirarem contra o governo e propagarem *fake news* em relação à pandemia da Covid-19:

@folha “@FZanini A mídia acha que a gente Não tá percebendo eles se aproveitando do caos do Corona pra pedir impeachment. Depois Não entendem pq perderam a credibilidade. Subestimam demais.”

As *fake news*, que tratavam de medicamentos para o combate ao vírus, se dividiram em duas subcategorias, com narrativas, que relatavam as experiências pessoais e de terceiros no uso dos medicamentos, alertando para a completa eficácia na cura da doença. A primeira subcategoria, nomeada de relatos de experiências, abarca tais constatações:

@jairbolsonaro Meu amigo pegou o CORONAVIRUS ficou em casa mal...sua esposa não o isolou, ficou em sua companhia pois ela sabia da Cloroquina que toma para dores reumáticas... e ela não pegou o vírus... tenho mais 2 exemplos que um tomando não foi contaminado...

Outra subcategoria seguiu a narrativa de Bolsonaro ao disseminar resultados de pesquisas e/ou apontar países onde o uso da cloroquina foi considerada uma droga milagrosa no combate ao Coronavírus. Insistindo em conteúdos falsos atestados pelas agências de checagem, Bolsonaro buscava referendar suas teses a partir das opiniões de especialistas, que concordavam com o uso da cloroquina no tratamento de pacientes com Covid-19, como a médica Nise Yamaguchi, uma das principais especialistas citadas pelo presidente, conforme aponta o tuíte:

@BolsonaroSP Dr.yong e DR.NILSE deram um show de certezas que no Brasil as mortes de corona a maioria é uma farsa. Pacientes morre de câncer colocam covid-19. Cloroquina ta salvando vidas no coquetel em hospitais. Super faturamentos em respiradores roubo total.

Durante a pandemia, o governo federal adotou uma postura contrária às recomendações da OMS, em especial antagonizando com governadores e prefeitos sobre as políticas de isolamento. A primeira subcategoria da medida de isolamento abarca as *fake news*, que indicavam o isolamento vertical como o mais eficaz para conter a propagação do coronavírus.

A associação de Bolsonaro com a categoria se justifica por ter sido o primeiro a defender a tese do isolamento vertical em pronunciamento realizado no dia 25 de março de 2020, quando afirmou que a medida seria eficaz para que a população fora do grupo de risco pudesse retornar ao trabalho, mantendo em isolamento apenas os idosos e indivíduos com comorbidade.

A segunda subcategoria esteve relacionada a teorias, que apontam que o vírus não sobrevive a países de climas tropicais, com temperaturas elevadas durante o verão. Nesse sentido, consta nos tuítes que o isolamento no Brasil só se justificaria no inverno, conforme aponta o tuíte:

@oatila hoje vi um médico dizer que os vírus da família corona são poucos resistente em temperaturas acima de 20 graus celsius. E que por isso aqui no Brasil agora não seria necessário o isolamento.

Outra subcategoria de *fake news* ligadas às medidas de isolamento traçava uma ligação entre as restrições impostas pelos Estados e municípios, com a tentativa de enfraquecer o governo de Bolsonaro, já que tais ações, além de não surtirem efeito algum na propagação da doença, comprometiam a economia do país:

@BolsonaroSP – O CORONAVIRUS e o isolamento são uma jogada política para derrubar o Mito. Um absurdo, China, Europa e até os Estados Unidos se uniram para derrubar nosso presidente!

As *fake news*, que responsabilizavam a China por propagar o Coronavírus no mundo, se dividiram em três subcategorias. A primeira, nomeada de lucro com a pandemia, trazia tuítes, que apontam que os chineses teriam se preparado para um ato biológico, com o

objetivo de lucrar com a exportação de máscaras, vacinas e demais produtos ligados à prevenção da doença.

Outra subcategoria apontava que o vírus foi criado e manipulado em um laboratório em Wuhan, com o intuito de vender vacinas e/ou implementar o comunismo no mundo. A análise das mensagens demonstrou um movimento contrário à China, que foi alimentado por discursos e desavenças políticas ligadas à nação asiática. Souza et al. (2022) destacam que o ambiente de hostilidade criado nas relações Brasil-China durante o governo Bolsonaro e o amplo uso de *fake news* pelo presidente e seus apoiadores contribuíram para construir a imagem da China como ameaça ao país e ao governo.

A categoria relacionada à vacina, também, foi atravessada pelo discurso do governo. Logo que os primeiros imunizantes contra a Covid-19 surgiram, Bolsonaro negou a compra do medicamento, indicando que nenhum brasileiro serviria como cobaia. Em movimento contrário, o ex-governador de São Paulo, João Doria, anunciava parceria com o laboratório chinês Sinovac, que pesquisava a vacina Coronavac, no Brasil, produzida em parceria com o Instituto Butantã. Bolsonaro criticava as ações do desafeto político e se recusava a comprar a vacina da China (Coronavac), alegando que não sentia “segurança” no país por ser comunista.

Nesse aspecto, grande parte das menções contrárias à vacinação encontra eco na desconfiança em relação ao imunizante, conforme segue:

@jairbolsonaro, "O coronavírus é um vírus da cadeia animal, nunca transmissível aos humanos, que a muitos anos os animais fazem a vacina dele (NOBIVAC CANINE 1-DAPPVL2+CV). Portanto este vírus passou agora para os humanos, que possivelmente foi alterado em laboratório propositalmente – <https://t.co/HGv0oEdHYh>"

Há, também, *fake news*, que imputam ao empresário Bill Gates a responsabilidade pela produção do Coronavírus, com o objetivo de produzir uma vacina, que fosse capaz de injetar um microchip, visando a despovoar o mundo e/ou controlar a população. Em uma conferência no ano de 2015, Gates alertou que, se alguma coisa fosse capaz de matar mais de 10 milhões de pessoas nas próximas décadas, provavelmente, seria um vírus altamente infeccioso, e não uma guerra. Após o surgimento da pandemia da Covid-

19, o vídeo ganhou enorme visibilidade nas redes sociais e conteúdos falsos foram produzidos com o tema.

4.2. INFERÊNCIAS – *FAKE NEWS* DA H1N1

As narrativas de humor e teorias da conspiração foram as mais acionadas com conteúdos, que se assemelhavam a *fake news* durante o período. A maioria dos tuítes fazia uma analogia perigosa entre a doença e o porco, uma vez que a associação equivocada foi responsável pela paralisação do setor de comercialização do produto, conforme apontou a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína durante o surto da doença¹. A seguir, exemplo de tuíte, que faz tal referência:

@rafinhabastos A Gripe Suína pode ser transmitida através da saliva. Não beijem os porcos de língua.

Já os tuítes, que reproduziam teorias da conspiração, traziam relatos de supostos médicos descredibilizando os riscos de contaminação. A recorrência em confiar nas redes de proximidades e em detrimento das orientações da OMS e do Ministério da Saúde apontava que a intensidade da H1N1 era igual às ocasionadas pela gripe comum e está presente no tuíte:

@programapanico Estava conversando com um médico amigo... A mortalidade da gripe suína é a mesma de qq gripe...

A categoria medidas de prevenção referenciava vídeos e reportagens sobre o vírus H1N1, alertando que laboratórios farmacêuticos e indústrias de vacinas lucrariam ao buscarem medicamentos para combater a doença. A farmacêutica Roche, fabricante do antiviral Tamiflu, eficaz no tratamento de pessoas infectadas com o vírus da H1N1, foi acusada de ocasionar um alarmismo ao lado da OMS, para conquistar lucros com a doença:

¹ Recuperado de: <https://crmvsp.gov.br/gripe-suina-provoca-paralisia-no-setor-de-carne-de-porco-no-brasil-diz-associacao/>

@Rosana O que há por trás da #gripesuina #h1n1
<https://www.youtube.com/watch?v=CcgCBiyGljM>

@lucianohuck Gripe suína, conspiração de Megacorporaçõess DO MAL!
<http://migre.me/4Don NOT! #jabá>

Um documentário de 9 minutos e 50 segundos, no idioma espanhol com o título “Operação Pandemia”, apresentava um conluio entre a indústria farmacêutica americana Roche e o governo do ex-presidente americano George Bush, que investiu 1,2 milhões de dólares na produção de Tamiflu, para combater uma prevista pandemia de gripe aviária, que não se concretizou. O mesmo medicamento, também, seria altamente recomendado para a gripe suína e, para vendê-lo, obteve destaque exagerado da mídia e dos países.

Ainda na categoria medidas de prevenção, ganhou destaque um tuíte, que circulou de maneira ostensiva na rede e esteve presente no perfil do ator Wagner Santisteban. O autor questionava as máscaras indicadas pela OMS como forma de prevenção da H1N1 a partir de analogias sobre as prevenções da AIDS e o uso de camisinha. A postura do ator revela uma conduta negacionista, já que as doenças possuem formas de contágio e características distintas, o que torna impossível compará-las:

@wagsantisteban: 4 mil pessoas têm gripe suína e todo mundo quer usar máscaras. 33 milhões têm aids e ninguém quer usar camisinha!

A categoria tratamentos alternativos, também, ocupou destaque nos tuítes, que propagaram desde receitas baseadas em suplementos alimentares e tratamentos caseiros para combater o vírus até recomendações para o uso de entorpecentes, como a maconha, produzida a partir da *Cannabis sativa*. A seguir, os tuítes com conteúdos falsos, que mais se destacaram na categoria:

@ministeriodasaude suplementos alimentares que previnem contra gripes comuns são eficazes contra a H1N1.

@ministeriodasaude #Maconha pode curar a #H1N1 <http://bit.ly/100hBD>

Na categoria antagonismo com o governo, circulavam notícias, que descredibilizam as ações do Ministério da Saúde no combate ao vírus como também apontavam que a doença servia para acobertar a crise econômica, que enfrentava o governo federal, conforme aponta o tuíte:

@marcelotas Até que essa #H1N1 serviu pra uma coisa boa: ninguém mais fala na tal crise. Hehehe.

Há tuítes, que traziam críticas diretas à gestão do ex-presidente Lula, desde tuítes, que apontavam que a H1N1 serviria para mascarar a crise econômica e o superfaturamento na aquisição de bens para o combate à doença até a retomada das denúncias de corrupção, que surgiram na gestão petista no ano de 2005, nomeada de mensalão.

De maneira semelhante, os tuítes relacionados à categoria antagonismo com a mídia anunciavam que existia um complô entre a imprensa e o governo, que fazia uso da epidemia do H1N1 para acobertar escândalos envolvendo políticos. O nome da Globo surgiu como principal articuladora de estratégias para ocultar dados da população. É o que se verifica no tuíte a seguir:

@kibeloco: “Essa tal gripe suína é invenção da Globo para desviar a atenção da roubalheira no Campeonato Estadual”

Outros tuítes denunciavam o sensacionalismo da mídia, que lucrava ao instaurar o pânico na população. Por fim, tuítes, que resgataram o conteúdo da revista Super Interessante, a qual apontava para o surgimento de um suposto vírus assassino, conforme aponta o tuíte direcionado ao perfil de @marcelotas @revistasuper Matéria de AGOSTO DE 2001 na Super. A VOLTA DO VÍRUS ASSASSINO. MEDO #gripesuína #H1N1 #gripeA #influenza.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Boatos e rumores, relacionados a contextos epidêmicos e pandêmicos, foram registrados ao longo dos séculos, quando informações preconizavam tratamentos alternativos, curas milagrosas e busca por culpados pelas doenças eram recorrentes. Mesmo com o avanço da ciência, as pandemias, também, encontraram, ao longo da

história, resistência às autoridades epistêmicas. A pesquisa constatou que, apesar da distância temporal, o desenvolvimento de canais de comunicação ampliou os fluxos informativos, permitindo que a desinformação encontrasse maior emergência na conceituada sociedade da informação.

A categoria midiática recebeu um aspecto estruturante na pandemia da Covid-19, porque tratou de combater o trabalho do jornalismo profissional. O cenário de disputa, feito a partir das plataformas digitais, como é o caso do *Twitter*, buscou embasar apoiadores a partir do vértice central de distribuição da desinformação, indicando que os meios de comunicação produziam *fake news* sobre a gravidade da doença com o objetivo de gerar pânico na população. De maneira semelhante, a forma como a imprensa divulgava as informações sobre os riscos da H1N1, também, foi alvo de críticas, com narrativas, as quais alertavam que a mídia buscava o sensacionalismo e o exagero nas reportagens sobre a doença.

Não obstante, deve-se considerar que, diferentemente da H1N1, a pandemia da Covid-19 foi atravessada por uma “infodemia”, termo cunhado por Tedros Adhanom, na ocasião diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), para classificar a epidemia global de desinformação, que se espalhou rapidamente por meio de plataformas de mídia social e outros meios de comunicação. As narrativas postas em circulação durante a pandemia da Covid-19 estiveram operacionalizadas pela lógica das bolhas ou câmaras de eco, que, movidas pela lógica algoritma, facilitam a aproximação e adesão a discursos, que apelam às validações de crenças, ao senso comum, aos afetos e às emoções. Algo diferente do que ocorreu durante a epidemia da H1N1, quando as redes sociais ainda não operavam pela lógica do capitalismo de dados.

Outro processo, que se colocou em curso e que parece ter sido decisivo para que a desinformação ganhasse maior relevância durante o período, está relacionado à forma como a pandemia foi conduzida pelos líderes políticos. Imprescindível destacar que a pandemia da Covid-19 foi atravessada pelo discurso negacionista e a propagação de conteúdos falsos foi impulsionada por Bolsonaro e seu grupo de apoiadores, o que ocorreu de maneira oposta durante a H1N1, em que os tuítes questionavam as ações

do governo federal, comandado pelo ex-presidente Lula, no combate à doença. É possível inferir, apesar das restrições do *corpus* da pesquisa, que a negação da ciência, propagada pela avalanche de *fake news*, que circularam durante a pandemia da Covid-19 no Brasil, encontra ressonância nos tuítes relativos à descrença na imprensa tradicional, no governo federal e nos protocolos aferidos pelas instituições científicas durante o surto da H1N1.

6. AGRADECIMENTO

Este texto é resultado da pesquisa “A rede de desinformação e a saúde pública em risco: uma análise das *Fake News* em cenário epidêmicos”, processo nº 2020/05274-5, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

7. REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 70.

Borges, V. G. (2021). *Analogias populistas na narrativa presidencial: contrapontos à ciência na Pandemia da Covid-19*. Tese em Comunicação. Universidade Paulista, São Paulo.

D’Ancona, M. (2018). *Pós-verdade*. Tradução Carlos Szlak. 1. ed. Faro Editorial.

Da Empoli, G. (2020). *Os engenheiros do caos*. Vestígio.

Fernandes, C. M., Oliveira, L. A., Campos, M. M., & Coimbra, M. R. (2021). Press X Government: The populist rhetoric of the Covid-19 pandemic on the social network Twitter. *Brazilian Journalism Research*, 17(3), 562-595.

<https://doi.org/10.25200/BJR.v17n3.2021.1416>

Kakutani, M. (2018). *A morte da verdade*. Intrínseca.

Lindgren, S.; lundström, R. (2011). Pirate Culture and Hacktivist Mobilization: The cultural and social protocols of #WikiLeaks on Twitter. *New Media and Society*, 13(6), 999-1018. <https://doi.org/10.1177/1461444811414833>

Lyotard, J.-F. (1998). *A condição pós-moderna*. José Olímpio.

Mcintyre, L. C. (2018). *Post-truth*. MIT Press.

Meneses, J. P. (2018). Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das *fake news*. *Revista Observatorio (OBS*)*, 12, 37-53.

<https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181376>

Recuero, R. (2014). Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalabocaDilma. *Revista Fronteiras (Online)*, 16, 1-18. <https://doi.org/10.4013/fem.2014.162.01>

Recuero, R., Bastos, M., & Zago, G. (2018). *Análise de Redes para Mídia Social*. Sulina.

Sanches, M. A., Lovo, O. A., & Sanches, L. C. (2020). Religião e epidemias na história: do essencial ao perverso. *REVER*, 20(2), 139-152. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i2a10>

Sousa, A. T. L. M., Abrão, R. A. F., Santos, V. H., & Gajus, B. N. (2022). Fake News em grupos bolsonaristas: a construção da China como uma ameaça externa. *Mundo e Desenvolvimento: Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais*, 5, 21-38. https://ieei.unesp.br/index.php/IEEI_MundoeDesenvolvimento/article/view/105

Van Zoonen, L. (2012). I-pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. *European Journal of Communication*, 2, 56-67. <https://doi.org/10.1177/0267323112438808>

Weedon, J., Nuland, W., & Stamos, A. *Information Operations and Facebook*. 27 April 2017. <https://cutt.ly/KwYr7CLP>